



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Comunicação e faixa de fronteira¹

*ADA CRISTINA MACHADO da SILVEIRA

** GUILHERME PEREIRA DE FREITAS

*** LINDAMIR ADAMCZUK

Resumo

As Terras de Fronteira do Brasil Meridional comemoram, em 2002, o bi-centenário de sua incorporação definitiva ao território brasileiro. Ao analisar suas representações midiáticas é possível verificar uma diversificada malha de comunicação, responsável pelo vínculo entre os níveis local e internacional. Considerando que o estado atual de conhecimento sobre o problema é restrito, refuta-se a perspectiva corrente que as reduz à condição de faixa de fronteira e satélite bélico do estado-nação, desestimando a capacidade comunicativa de sua sociedade. Entendemos que é devido à riqueza de suas experiências que elas se constituem numa sólida referência empírica que poderá subsidiar teoricamente o desenvolvimento comunicacional dos espaços fronteiriços brasileiros como um todo.

Palavras-chave:

Comunicação de Fronteira – Política de comunicação – Estratégias de comunicação

Communication and borderline

The Borderlands in Southern Brazil celebrate 200 years of definitive incorporation to Brazil in 2002. A diversified network of communication links the local level to the International level in them. The current knowledge available about this question is restricted, though. The present perspective shows the Borderlands as a buffer zone and depreciates its society's capacity of communication. Thus, understanding its border condition acclaims them only through the point of view of national security areas, its communicational development would have been embarrassed. We consider them are a solid empirical reference that will theoretically maintain the communicational development of the Brazilian borderline as a whole.

Key words: *Frontier Communication –Broadcasting Policy – Communication Strategies*

Identificação

ADA CRISTINA MACHADO da SILVEIRA

Doutora em Jornalismo pela Universidade Autônoma de Barcelona. Profa. Adjunta do Depto. Ciências da Informação, Cursos de Comunicação Social e Curso de Pós-Graduação em Extensão Rural da **Universidade Federal de Santa Maria**.

Endereço Profissional: Depto. Ciências da Informação Fone/fax: 55 55 220 8491

Cidade Universitária – Prédio 21 – Camobi - Santa Maria – RS –

CEP 97.105-900

E-mail: adamach@csh.ufsm.br

** GUILHERME PEREIRA DE FREITAS – Acadêmico de Comunicação Social

UFSM – Bolsista PIBICT-CNPq

*** LINDAMIR ADAMCZUK – Acadêmica de Comunicação Social UFSM– Bolsista FAPERGS

1 Trabalho apresentado no NP10 – Núcleo de Pesquisa Economia Política e Políticas Públicas de Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Terras de Fronteira: 200 anos de incorporação ao Brasil

Passamos a enunciar, sucintamente, algumas reflexões em torno às categorias fundantes adotadas numa investigação que trabalha a relação entre estado-nação e indústria cultural, entendida como referente a uma ordem heterônoma. Para tal, refere-se alguns antecedentes espaço temporais no âmbito das Terras de Fronteira do Brasil Meridional. A seguir, comentamos aspectos da faixa de fronteira brasileira, sua correspondente noção de fronteira e os vínculos entre comunicação e militarismo na faixa de fronteira brasileira; para, por fim, propor o estudo da malha de comunicação local - internacional.¹

As fronteiras com as quais, a meados do s. XIX, alcançou-se delimitar o estado sul-brasileiro do Rio Grande do Sul constituem 10% das fronteiras internacionais do Brasil, num estado que representa tão somente 3,32% do território nacional, embora sejam as mais densamente povoadas. Foram necessários vários acordos diplomáticos para que a região tivesse o contorno atual: Tratado de Tordesilhas (1494), Madri (1750), El Pardo (1761) e Santo Ildefonso (1777). O último seria consagrado pelo Tratado de Badajoz (1801), dando finalmente o contorno atual às lindes na região. Por isso, somente em 1802 a Coroa Portuguesa viria a tomar posse do território arbitrado no último tratado. Em 2002, festejam-se, portanto, 200 anos de incorporação definitiva da metade leste do estado ao Brasil, daí provindo o esforço social condensado na fixação do limite territorial e o entendimento de que, no caso do Rio Grande do Sul, o processo de demarcação confunde-se com a própria história do estado.

Este processo histórico culminou em que a configuração territorial do Rio Grande do Sul equivaler à figura de um losango, no qual cada uma de seus quatro lados constitui-se numa fronteira distinta. Situado no paralelo 30 da latitude sul, o estado tem ao sul à República Oriental do Uruguai, que se situa em alguns dos mais conflituosos 1.003 Km. de linha de fronteira da história do Brasil. Dela, dois terços foram demarcados considerando-se acidentes geográficos, como elementos fluviais de lagos e rios. O outro terço foi ganho num corpo a corpo hoje evocado por uns marcos de pedra cravados esparsamente e depois estabelecidos por linhas geodésicas. O turbulento Oceano Atlântico está ao leste, com 622 Km. de litoral de praias de areias de difícil

¹ Trabalho apresentado no NP10 – Núcleo de Pesquisa Economia Política e Políticas Públicas de Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



aporto. A oeste, outro litoral; os 724 Km. das barrancas do caudaloso Rio Uruguai estabelecem uma divisa natural com a República Argentina. Dos quatro lados do losango, apenas um conta com fronteira brasileira. São os 958 Km de limites com o estado de Santa Catarina, situado a nordeste do estado sulista.

No mapa abaixo pode-se observar como ocorreu ao longo da história a demarcação de uma sucessão de linhas de fronteira responsáveis pelo surgimento de uma região com características de Marca de Fronteira a sudoeste do Rio Grande do Sul:

Mapa n^o. 1 - A expansão territorial luso-brasileira Fonte: KOTECK (2000, p.77)

A atual micro-região da *Campanha* surgiu como a herdeira americana de confrontos peninsulares históricos entre as coroas ibéricas, especialmente no período que se estendeu do final do século XVII ao início do século XIX. Ela corresponde à faixa de fronteira cuja progressiva dilatação, fruto de diversos tratados diplomáticos, culminou com a criação do estado nação do Uruguai (1826), configurado em *buffer zone* entre o Império do Brasil e as Províncias Unidas do Rio da Prata, mais tarde Argentina. Por essa razão, ainda hoje, a metade sudoeste do estado do Rio Grande do Sul é conhecida pela denominação de *Fronteira*.

A faixa de fronteira brasileira

No estado do Rio Grande do Sul, a faixa de fronteira está constituída, conforme dados atuais do IBGE, de 182 de seus 467 municípios; ou seja, 39% dos municípios gaúchos estão dispostos ao largo de seu domínio. Essa expressiva participação que corresponde a quase metade da totalidade dos municípios também se faz notar na



amplitude do território nacional, dado que os municípios fronteiriços gaúchos ainda representam 32% dos municípios fronteiriços do Brasil (que, ao total, somam apenas 576).

A *faixa de fronteira* está definida pela Lei n° 6634, de 02.05.79, a qual revogou a Lei n° 2597, de 12.09.55, e também alterou o Decreto-lei n° 1135, de 03.12.70. Foi durante o governo do Pres. Ernesto Geisel que se regulamentou os 150 Km internos e paralelos à linha divisória terrestre do território brasileiro. Considerados "área indispensável à segurança nacional", tais territórios permanecem tendo restrições à implementação de atividades em seu espaço, pois neles está vedada, sem prévio assentimento do órgão federal competente, a prática de diferentes atos. Entre eles, a concessão de terras, a abertura de vias de transportes, **a instalação de meios de comunicação**, a construção de pontes, estradas internacionais e campos de pouso e outras atividades. Veja-se o mapa a seguir:

Mapa n°. 2 - A faixa de fronteira brasileira

Fonte: IBGE (2000)

A confluência, portanto, de várias ordens, permite reconhecer tais **Terras de Fronteira** como parte em parte formada pela atual faixa de fronteira, além dos territórios geograficamente pertencentes à micro-região da Campanha (ou fronteira sudoeste do Rio Grande do Sul), ademais das micro-regiões das Missões e Depressão Central (também a divisão do estado em zonas turísticas toma em consideração esta nossa noção, ao relacionar aspectos geográficos e culturais), totalizando, assim, 182 municípios.

Pelos dados apresentados, faculta-se apontar a transcendência da experiência da sociedade gaúcha no tema como uma fonte para outras sociedades fronteiriças do Brasil,



como pode sê-lo o estado federado do Mato Grosso do Sul, cujos limites naturais foram demarcados com a Bolívia e o Paraguai, através dos rios Paraguai e Guaporé. Também pode ser o caso do estado de Rondônia que, apesar de o Rio Madeira, na divisa com a Bolívia, ser considerado a primeira fronteira interna brasileira plenamente estabelecida, a sua situação não ofereceu especial interesse à fronteira meridional do Brasil, de fixação muito mais recente. O trabalho com a noção de fronteira, ademais, exige considerar que com elas invocamos tanto sua importância físico-geográfica como histórico-simbólica, ao permitir evocar tanto o que está incluído como o que delas está excluído.

Culturalmente, as fronteiras podem ser entendidas como membranas através das quais as pessoas, bens e informações podem circular e podendo ser aceitas ou não pelo estado. Na definição dos antropólogos Thomas M. WILSON e Hastings DONNAN (1998, p. 5) "as fronteiras são registros espaço temporais das relações entre comunidades locais e entre estados".

Apoiando-se em diversos outros autores, Wilson e Donnan distinguem três elementos constitutivos da noção de fronteira: a linha limítrofe, a qual simultaneamente permite separar e unir os estados-nação; as estruturas físicas do estado que visam demarcar e proteger tal linha de fronteira, composta de pessoas e estruturas enraizadas profundamente no território nacional; e as zonas territoriais, cujas variadas dimensões alargam a partir e através de fronteiras, dentro das quais as pessoas negociam uma variedade de comportamentos e significados associados a sua pertença a nações e estados. À diferença das metafóricas fronteiras de identidade, usuais na descrição de aspectos da sociedade pós-moderna, as "terras de fronteira" seriam territórios *in natura*, com realizações políticas e sociais inerentes aos modernos estados-nação e até anteriores a eles.²¹ Tal conjunto de elementos permitem compreender a condição fluida e indefinida das *borderlands*, enfatizando seu hibridismo potencial pela incapacidade de conciliar as contradições que sua sociedade encerra.

Fronteiras vivas no *argot* militar alude aqueles territórios permeáveis e à mercê de múltiplos embates. Historicamente, constituem-se em territórios ameaçados de saques e espoliações de parte da banda inimiga. De parte da banda amiga, no entanto,

1 Trabalho apresentado no NP10 – Núcleo de Pesquisa Economia Política e Políticas Públicas de Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



tais terras arrasadas freqüentemente sofreram e continuam a padecer rejeições culturais e políticas, dada sua exclusiva condição de serem contíguas ao estado-nação, porém distintas culturalmente do mesmo. Esquecem-se muitos que esta permanente tensão é geradora de um inerente hibridismo cultural fronteiriço, capaz de proceder a acumulações *sui generis*.

A ordem heterônoma, o estado-nação e a indústria cultural

A afirmação de ordem heterônoma, conforme o filósofo E. Kant já dissertara, tornou-se precária com o advento da Modernidade. Neste período, vem à luz a noção antípoda de autonomia e toda e qualquer sujeição a valores passionais, inclinações afetivas ou outras manifestações não oriundas da legislação estabelecida pela consciência moral de maneira livre e autônoma cai em desdita. É a partir da Modernidade que a estruturação da ordem audiovisual (composta pelo conjunto de políticas públicas, estrutura de meios e recursos simbólicos) passou a estar relacionada com a necessária e controlada afirmação e manutenção dos estados nacionais.

Para compreender tal processo é necessário ter em consideração que a imprensa e as literaturas nacionais, a partir do século XVIII, são reconhecidas como os grandes fatores aglutinadores e propiciadores de uma consciência nacional. A escola, junto aos partidos políticos, igrejas, sindicatos teriam cumprido funções especificamente consignadas aos jornais e, posteriormente, rádios, televisões e telégrafo. Todos eles, recheados de hinos, efemérides, feriados, almanaques, cartilhas, bandeiras compuseram os rituais afirmadores das identidades nacionais. Um fenômeno que Benedict ANDERSON (1983) identificou em outras sociedades como o advento das *comunidades imaginadas*, configuradas discretamente com base num lastro cultural comum e desestimando o peso da contigüidade física para sua coesão interna.³ Ademais da interpretação de Anderson sobre a contribuição específica do livro e da imprensa à difusão do ideário nacionalista e sua ação em prol da coesão nacional, viria Anthony D. SMITH (1997, p.142) a ressaltar a contribuição das redes de comunicação de pequena escala para a proliferação dos nacionalismos lingüísticos e étnicos na atualidade, os quais alguns especialistas denominaram, por vezes, de "comunicação alternativa".⁴

1 Trabalho apresentado no NP10 – Núcleo de Pesquisa Economia Política e Políticas Públicas de Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



No Brasil Meridional, as práticas de comunicação das Terras de Fronteira expõem exemplarmente esta tese. Indo ao encontro de seus conterrâneos, a imprensa e, na sua esteira, as emissões radiofônicas e televisivas atuaram e continuam intercedendo no tempo e no espaço de seus públicos com a certeza e o orgulho de que oferecem algo fundamental a sua existência limítrofe. O grande drama desta cultura, o sistema que opunha os valores que concedem vigor às noções de "civilização" contra "barbárie" têm nos estados-nação do Cone Sul, o seu fundamento gerador. A problemática desta cultura arregimentou os elementos que forneceram subsídios para alargar o horizonte dos indivíduos no sentido de dirigir atenção à dimensão espacial e a consolidação dos limites fronteiriços para estabelecer a integração nacional. Os meios simbólicos convocados à tarefa buscaram integrar populações em sua maioria aculturadas por via oral e não literária e que, depois, foram assumidos pelos meios de comunicação.

A cultura do gauchismo, tendo sido no Brasil enquadrada como regional, tem nos outros estados-nação do Uruguai e Argentina sua expressão plena e evocativa do gentílico nacional. As conseqüências dessa conjuntura remetem-nos tanto à noção de *discurso performático*, como o conceito de *nacionalismo periférico*, como algumas das estratégias que hipoteticamente poderiam vir a orientar a composição do *discurso polifônico* das Terras de Fronteira. Antes, porém, nos deteremos em mais alguns argumentos acerca dos antecedentes da noção concreta de fronteira no Brasil Meridional.

Comunicação e militarismo na faixa de fronteira

"*Nativa FM. A rádio que faz pátria os limites de fronteira do Rio Grande.*" A oração em epígrafe constitui-se na característica radiofônica que apresenta a *Rádio Nativa FM*, vinculada à *Rádio Guarathan AM*, de Santa Maria, nos anos 2001-2002. Irradiando desde a cidade *Coração do Rio Grande* - epônimo que põe em evidência a sua posição geográfica no centro do território estadual - a emissora expressa, por via discursiva, a memória da necessidade de afirmação e posse do espaço territorial de uma cidade que, na atualidade, tem apenas parte de um distrito rural nos limites fronteiriços do Brasil (São Martinho). Mas, pelo contrário, ao estar no coração do território estadual, e tendo sido o centro do entroncamento ferroviário gaúcho, (Santa Maria dista cerca de



280 Km da linha de fronteira do Uruguai e 450 Km da Argentina), seus discursos não se desvinculam da questão dos limites nacionais.

A força deste tipo de elementos faz supor que, no que respeita a suas relações internacionais, a passagem das armas ao discurso exigiu do estado nacional brasileiro um esforço concentrado no sentido de estabelecer uma cortina sonora de proteção e alerta contra uma possível invasão cultural e de resguardo à cultura nacional. O congelamento dos conflitos entre Brasil, Uruguai e Argentina, observáveis na atualidade, esconde um passado de intensas pugnas nos limites meridionais nacionais. As Terras de Fronteira do Brasil Meridional, mesmo em pleno período de integração do Cone Sul, ainda contam com um expressivo contingente militar em seus domínios, com representações das Forças Armadas de terra, ar e mar. O município de Santa Maria, por exemplo, conta com 22 organizações militares, entre elas uma base aérea, e destaca-se por possuir o segundo contingente militar no Brasil, atrás apenas de Rezende, no estado do Rio de Janeiro. Como este, outros municípios da faixa de fronteira contém mais de meia dúzia de organizações cada qual (Bagé, Alegrete e Uruguaiana), tendo Uruguaiana, ademais, um destacamento naval, além de Cruz Alta e Santiago, para referir os mais expressivos.

Frente a um conjunto tão expressivo de relações entre militarismo, vias e meios de comunicação e a questão da soberania nacional, seria difícil fugir ao chavão de que seus discursos estão solidamente ligados a epifanias patrioteiras.⁵ Sem abandonar de todo esta questão, indagamos se o avanço dos tempos afirmaria como verdadeira uma concepção de que a guerra e o exercício da violência estariam sendo desenvolvidos por outros meios. O sociólogo português Adriano D. RODRIGUES (1997, p. 185) concorda ao afirmar que: "No mundo contemporâneo, a estratégia comunicacional tornou-se, de facto, uma outra maneira de prosseguir a guerra."

O conflitivo estabelecimento dos domínios das Coroas Lusa e Castelhana foi o elemento deflagrador do processo civilizatório na bacia platino-uruguaia, gerando o tipo gaúcho/*gaucho* da região.⁶ Para além da mestiçagem e hibridismo do gauchismo, a bacia platino-uruguaia foi inicialmente o cenário de afirmação dos estados representantes de diversos impérios e nações. Com o passar do tempo, a rescindiva das

1 Trabalho apresentado no NP10 – Núcleo de Pesquisa Economia Política e Políticas Públicas de Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



hostilidades entre Brasil e Argentina converteram as Terras de Fronteira do Brasil Meridional em vigorosas marcas das relações entre as nações vizinhas, remanescentes de antigas e hostilidades. Como testemunhas históricas das distintas opções assumidas na construção de várias nacionalidades, as experiências das *borderlands* são excepcionais.

No entanto, o contexto de integração econômica tem confundido a muitos, que acreditam que o clima bélico teria sido absolutamente abolido. O sistema de comunicação estaria alterando a concepção clássica da guerra e paz? Outra vez convocamos a Adriano D. RODRIGUES (1997, p.185), quando tece sua argumentação sobre o que chama de viragem tecnológica, indicando precisamente a intervenção do sistema radiofônico:

A rádio atravessou desde os seus começos as fronteiras. Apesar de ter servido muitas vezes para alimentar a coesão entre os povos e a compreensão das outras culturas, assim como para acelerar a prestação de socorros, insere-se neste processo de planetarização das redes de informação que nos coloca perante a urgência de repensar muitos dos princípios em que assentava a coerência das instituições, ditando-lhes as formas de organização e as normas de funcionamento.

O surgimento das indústrias culturais nas Terras de Fronteira do Brasil Meridional implicou num grande incremento das relações próprias à vida no território confinante politicamente, mas contíguo do ponto de vista cultural.⁷ As Terras de Fronteira dos estados-nação do Cone Sul comungam de uma cultura comum e, no caso, das sul-brasileiras, os choques e lutas armadas concorreram a conceder o seu caráter peculiar e, inclusive, emprestar traços distintivos à própria cultura do gauchismo como um todo.

Essa cultura faculta estabelecer uma ligação que permite transcender os limites físicos do estado-nação, transformando, ao nível doméstico, a rígida presença da estrutura do estado na sua relação com os vizinhos estados-nação do Uruguai e da Argentina. Paradoxalmente, no entanto, os traços de continuidade ou de diferença apresentam-se desconhecidos pela literatura especializada. Se há contradições em suas representações midiáticas, se são observáveis através de diversos dados empíricos, elas

1 Trabalho apresentado no NP10 – Núcleo de Pesquisa Economia Política e Políticas Públicas de Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



permitirão (ou não) sustentar a tese do hibridismo cultural fronteiriço, sufocado pelas dificuldades do processo de integração do Cone Sul.

Estudando seus antecedentes, a liberação e a prática de outras línguas e dialetos, absolutamente perseguidos durante a *Campanha de Nacionalização* (1937), implementada por Getúlio Vargas durante o Estado Novo, apresenta-se como um ponto de crucial importância no estudo das práticas comunicativas das Terras de Fronteira. Vargas, natural do município fronteiriço de São Borja, limitado pelo Rio Uruguai da argentina localidade de San Tomé, bem conhecia a função nacionalista do uso do idioma oficial. As rígidas recomendações de adoção da língua portuguesa, estabeleceram-se, durante seus governos, como um artefato cultural e bélico de proclamação da soberania do estado-nação em seus territórios confinantes. Passado meio século, e de acordo com o *Código Brasileiro de Radiodifusão*, na atualidade, encontra-se liberada a emissão em qualquer idioma, o que tem dado oportunidade ao aparecimento de muitas manifestações locais idiossincráticas.⁸

Entretanto, pode-se observar os fragmentos da anteriormente hegemônica ordem heterônoma que imperou no período da colonização e vigiu até o final do século XIX, agora degradados com a plena afirmação do estado nação, atingem o auge de sua crise. Tais elementos debilitados tornam-se especialmente nítidos, especialmente quando confrontados a outros discursos prosélicos da unificação em blocos econômicos, como os referentes ao MERCOSUL.

Uma das possibilidades de abordagem da identidade de uma região fronteiriça já foi realizada por Pierre BOURDIEU (1980) para o caso da região francesa da Occitânia. Sua proposta centrou-se no *estudo do discurso performático da região*, o qual teria como característica mais marcada o desenvolvimento de um esquema de oposição ao estado-nação. Entendemos que, em princípio, este discurso também existiria nas Terras de Fronteira, inclusive podendo ser averiguado em distintas manifestações, até mesmo como as "tradicionalistas".

Outra possibilidade seria a do estudo das representações midiáticas das Terras de Fronteira como manifestações de um *nacionalismo periférico*. O conceito de *nacionalismo periférico* sublinha o rol dos conflitos centro - periferia e as resistências

1 Trabalho apresentado no NP10 – Núcleo de Pesquisa Economia Política e Políticas Públicas de Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



decorrentes à constituição dos estados modernos, as quais atuariam contra o centro organizador do estado e estariam fundadas em largos processos históricos. Deste contexto, propriamente, servimo-nos de alguns estudos, como o de M. de MORAGAS SPÀ (1988), o qual se deteve nas transformações do sistema comunicativo e as estratégias que operaram na construção de um espaço de comunicação ao nível continental. Estudos deste tipo assinalariam a importância na atualidade do que vem sendo tomado pelo nível local frente ao nível globalizado de comunicação.⁹

Conclusão

As Terras de Fronteira do Brasil Meridional comemoram, em 2002, o bicentenário de sua incorporação definitiva ao território brasileiro. Analisando as produções discursivas de suas representações midiáticas é possível demonstrar que elas detém uma diversificada malha de comunicação que vincula o nível local com o internacional e somente pode ser compreendida em sua variedade e polifonia. O estado atual do conhecimento sobre o problema é restrito. A perspectiva corrente enquadra as Terras de Fronteira na condição de faixa de fronteira e satélite bélico do estado-nação, desestimando a capacidade comunicativa de sua sociedade. Entendendo que sua condição fronteiriça as consagra apenas sob o ponto de vista de áreas de segurança nacional, seu desenvolvimento comunicacional teria sido constrangido. Mas é devido à riqueza de suas experiências que as Terras de Fronteira do Brasil Meridional constituem-se numa sólida referência empírica que poderá subsidiar teoricamente o desenvolvimento da faixa de fronteira brasileira como um todo. O que, inclusive, já foi reconhecido pelo próprio Ministério das Comunicações.

Frente ao vigor destas manifestações, nossa indagação persegue a constatação sobre como as representações midiáticas podem revelar a complexidade do fenômeno, sendo um reflexo de sua estrutura ao mesmo tempo em que se dispõem, permanentemente, a instaurar discursos fundadores da ordem do estado-nação.

Bibliografia

ANDERSON, B. **Imagined communities: Reflections on the origin and spread of nationalism**. London: New Left Book, 1983.

ASSUNÇÃO, F. **Historia del gaucho**. Buenos Aires: Claridad, 1999.

1 Trabalho apresentado no NP10 – Núcleo de Pesquisa Economia Política e Políticas Públicas de Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

BOURDIEU, P. L'identité et la représentation: éléments pour une réflexion critique sur l'idée de région, **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, 1980, v. 35. p. 63–72.

CAPARELLI, S. **Ditaduras e indústrias culturais no Brasil, na Argentina, no Chile e no Uruguai**. Porto Alegre: UFRGS, 1989.

CVETKOVICH, A.; KELLNER, D. Introduction: Thinking Global and Local. In: CVETKOVICH, A. e KELLNER, D. (Org.). **Articulating the global and the local, globalization and cultural studies**. Boulder (Colorado): Westview Press, 1997. p.1-30.

DEPARTAMENTO DE JORNALISMO DE BLOCH EDITORES. **Comunicação**, n. 31 .s.d.

FEATHERSTONE, M. Global and local cultures. In: BIRD, J. (Org.) **Mapping the futures: local cultures, global change**. London/New York: Routledge, 1993.

FOX, E. **Las políticas de comunicación en América Latina**. Barcelona: Gustavo Gilli, 1988.

GILROY, P. Los Estudios Culturales británicos y las trampas de la identidad. In: CURRAN, J.; MORLEY, D.; WALKERDINE, V. (comp.) **Estudios Culturales y comunicación. Análisis, producción y consumo cultural de las políticas de identidad y el posmodernismo**. Barcelona: Paidós, 1998. p. 63-83.

HALL, S.; P. du GAY (eds.). **Questions of Cultural identity**. London: Sage, 1996.

KOTECK, L. M. **Conhecendo o Rio Grande do Sul. Estudos Sociais**. 16^a ed. São Paulo: Ática, 2000.

MACHADO da SILVEIRA, A. C. **El espíritu de la caballería y sus representaciones mediáticas. Intertextualidad, memoria y estereotipo en la identidad gaúcha**, 2001a. 661 p. *Tesi doctoral*. Servei de Publicacions de la Universitat Autònoma de Barcelona, Espanya. (Edicions microfotogràfiques).

____ Terras de Fronteira no Brasil Meridional. 2001b. **página web**.

www.ufsm.br/terrasdefronteira

____ Representações midiáticas e produção de sentido. A identidade gaúcha em questão. In: MACHADO da SILVEIRA, A. C. e RONSINI, V. V. M. **Representação e identidade. Três estudos em Comunicação**. Santa Maria FACOS-UFSM, 2001c. p.11-42.

1 Trabalho apresentado no NP10 – Núcleo de Pesquisa Economia Política e Políticas Públicas de Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

- MATTELART, A. **Comunicación e ideologías de la seguridad**. Barcelona: Anagrama, 1978.
- MATTELART, A.; MATTERLART, M. **El carnaval de las imágenes. La ficción brasileña**. Madrid: Akal, 1987.
- MORAGAS SPÀ, M. **Espais de comunicació: Experiències i perspectives a Catalunya**. Barcelona: Edicions 62, 1988.
- RODRIGUES, A . D. **Estratégias da comunicação. Questão comunicacional e formas de sociabilidade**. Lisboa: Presença, 1997.
- SAID, E. **Cultura e imperialismo**. Barcelona: Anagrama, 1996.
- SCHLESINGER, P.; MORRIS, N. Comunicación e identidad en América Latina, **Telos**, 1997, marzo-mayo, p. 54-76.
- SMITH, A . D. **La identidad nacional**. Madrid: Trama, 1997.
- TOMILSON, J. **Cultural imperialism**. Londres: Pinter, 1991.
- WILSON, T. M e DONNAN, H. (ed.). **Border identity: nation and state at international frontiers**. Cambridge (RU): Cambridge University, 1998.

¹ A investigação desenvolve um levantamento onde participam alunos de graduação em Jornalismo Publicidade e Propaganda e Relações Públicas através de atividades em disciplinas curriculares. Além destes, alguns alunos atuam como bolsistas e estagiários no projeto "Santa Maria - Cidade Pólo Digital", financiado pelo Fundo de universalização do Acesso às Telecomunicações - FUST, do Ministério das Comunicações, em convênio com a Prefeitura Municipal de Santa Maria-RS-Brasil.

² É neste sentido que os autores assinalam que uma antropologia das fronteiras vem a ser, ao mesmo tempo que uma História da nação, também uma História das fronteiras do estado (Cf. WILSON e DONNAN, 1998, p.8).

³ Existe uma ampla literatura sobre a questão da identidade, seja ela entendida como coletiva, nacional ou cultural. Além dos autores referidos, há outros que se fazem bastante presentes nos estudos de Comunicação. É o caso de Paul GILROY (1998), que elaborou um esclarecedor apanhado sobre as tendências dos estudos no tema e os classificou num esquema interessante, tendo em conta os estudos culturais britânicos, e advertindo sobre as freqüentes dificuldades que se interpõem nos estudos sobre identidade. Igualmente Stuart HALL and Paul du GAY (1996) organizaram um notável conjunto de trabalhos a respeito. Edward SAID (1996) tem um estudo muito referido nas questões de identidade e relações coloniais. Os britânicos Philip SCHLESINGER e Nancy MORRIS (1997) dedicaram-se à questão da identidade latino-americana e suas



representações nos meios de comunicação de massa a partir das proposições teóricas do espanhol-colombiano J. Martín Barbero.

⁴ John TOMILSON (1991) seria autor de uma das abordagens mais influentes na pesquisa em comunicação sobre a questão do discurso nacionalista e o imperialismo cultural, difundido especialmente através dos debates da UNESCO durante os anos 80, quando várias nações reclamaram ostensivamente a implementação da políticas de comunicação. O tema, na América Latina, teve um estudo exemplar dirigido por Elizabeth FOX (1988), o qual, no entanto, não aborda a questão das fronteiras e das identidades plurinacionais.

⁵ A leitura que contempla os sistemas de comunicação, a sociedade civil e o militarismo no Cone Sul na segunda metade do século XX, realizada por Armand MATTELART (1978, p.69) é uma referência objetiva sobre este processo. O autor, nascido na Bélgica e tendo trabalhado no Chile nos anos 60, toma em consideração os aportes do Gen. Golbery do Couto e Silva, um dos intelectuais de mais sólidas contribuições aos conhecimentos geoestratégicos da doutrina de segurança nacional e membro da *Escola Superior de Guerra* do Brasil. Profundamente familiarizado com a cultura que estudamos, o Gen. Golbery exporia sua análise dos conceitos da escola francesa, alemã e franquista, chegando aquilo que Mattelart classificou como relativo a uma concepção nazista. Os conflitos internacionais, depois da II Guerra Mundial seriam, segundo Mattelart, adotados pelos militares do Cone Sul em seu correlato de geoestratégia, abarcaram particulares pretensões imperialistas do Brasil. Mattelart assinala, neste aspecto, uma afirmativa do Gen. Golbery: “*El destino manifiesto ... inalienable ... trazado ... por la naturaleza misma sobre el mapa del Atlántico Sur*”.

⁶ A contribuição luso-brasileira na constituição da cultura do gauchismo é tema pouco abordado na literatura do tema. Entre os autores, o uruguaio Fernando ASSUNÇÃO (1999) é dos poucos a afirmar a ação decisiva do avanço português na Bacia platino-uruguaia na deflagração das disputas por território e conseqüente engendramento da cultura plurinacional do gauchismo.

⁷ Sergio CAPARELI (1989) deteve-se num estudo comparado do desenvolvimento das indústrias culturais durante os regimes militares no Brasil, Uruguai, Chile e Argentina, refletindo sobre as distintas opções em cada caso. No entanto, sua análise não aborda a questão dos territórios fronteiriços.

⁸ A força desta relação talvez provenha de que, conforme o interpretaram Armand e Michèlle MATTELART (1987), os governos militares dos anos 70 necessitaram restabelecer o equilíbrio frente à desnacionalização econômica operada no Brasil, e o fizeram recorrendo ao nacionalismo simbólico.

⁹ A respeito da relação entre o nível local e o nível globalizado e suas repercussões em termos comunicacionais, diversos autores vem problematizando o assunto. Destacamos algumas contribuições internacionais, organizadas por Ann CVETKOVICH e Douglas KELLNER (1997) e Mike FEATHERSTONE (1993).